

Lemgruber vai convencer bancos europeus a prorrogar créditos

por Maria Clara R. M. do Prado
de Brasília

O presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber, está de passagem marcada para a Europa neste sábado. A primeira escala é Madri, onde desembarcará com uma missão definida: preparar o terreno para garantir a adesão dos bancos espanhóis a um novo prazo de prorrogação das condições da fase II da renegociação da dívida para as linhas de empréstimo de curto prazo — interbancário e crédito comercial.

Além do Banco Central da Espanha, Lemgruber visitará outros quatro bancos espanhóis, dos quais o mais importante para o Brasil é, sem dúvida, o Banco de Bilbao. Dos US\$ 70 milhões que representam a somatória da "exposure" destas instituições em linhas de curto prazo no Brasil, a posição do Banco de Bilbao monta a cerca de US\$ 59 milhões, dos quais US\$ 47,5 milhões distribuídos em empréstimos no interbancário de agências de bancos brasileiros no exterior e US\$ 11,5 milhões em linhas de crédito comercial.

A tarefa de Lemgruber é, portanto, revestida de grande preocupação quando se sabe que os bancos credores da Espanha foram aqueles que mais colocaram dificuldades em aderir ao esquema de prorrogação — por 90 dias — na sua segunda etapa e que se expira no próximo dia 31 de agosto. No governo brasileiro, não resta agora a menor dúvida de que um esforço redobrado terá de ser desenvolvido para garantir por prazo mais longo — até que esteja definitivamente negociado o pacote que pretende reescalonar o pagamento da dívida externa em termos plurianuais — a posição dos bancos estran-

geiros nas linhas de curto prazo, referentes aos projetos 3 e 4 da fase II.

ADESAO

Elas envolvem um total de US\$ 10,5 bilhões do projeto 3 (crédito de comercialização) e US\$ 5,4 bilhões do projeto 4 (interbancário). O diretor da área externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas, lembrou a este jornal que, para ser considerado como válido, o esquema de prorrogação destas linhas deve ter 100% de adesão dos bancos credores à carta de compromisso. Além dos bancos espanhóis, o Banco Central preocupa-se também com a reação de outras instituições européias e principalmente com os pequenos e médios bancos norte-americanos.

Freitas acompanha Lemgruber na viagem à Europa, que contará também com a presença do chefe do departamento de operações internacionais do Banco Central, Marcello Ceylão de Carvalho, com escalas previstas também em Genebra, onde visitará o Banco para Compensações Internacionais (BIS), e provavelmente Frankfurt, Londres e Paris.

O grande temor que paira nos gabinetes do Banco Central, e principalmente do Banco do Brasil, está intimamente ligado ao risco de as agências de bancos brasileiros no exterior voltarem a viver um período crítico, semelhante ao do início de 1983. Como se recorda, o Banco do Brasil atravessou, naquela época, sérios problemas de caixa no exterior. "Não detectamos, por enquanto, nenhum sinal de perigo, mas agosto é, sem dúvida, um mês crucial e estaremos atentos à atuação dos bancos estrangeiros no vencimento de suas linhas de empréstimo de curto prazo", alerta o vice-presidente para operações

internacionais do Banco do Brasil, José Luiz da Silveira Miranda.

CRÉDITOS

Na sua opinião, tudo vai depender do cenário em que estiverem sendo desenvolvidas as negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e com o comitê assessor da dívida externa. Mas Miranda admite que, por "defesa própria", alguns bancos estrangeiros estão preferindo encurtar os prazos de seus depósitos no interbancário das agências brasileiras.

Ao contrário das linhas para cobertura de operações comerciais — lastreadas em transações físicas de importações e exportações —, as operações desenvolvidas pelos bancos no interbancário tornam-se as mais vulneráveis na eventualidade de um retrocesso da parte dos credores. Justamente por isso, a situação do Banco do Brasil é delicada: sua participação no fluxo de US\$ 5,4 bilhões, que, por enquanto, é mantido automaticamente no interbancário, alcança o expressivo percentual de 80% — nas linhas de crédito de comercialização, a fatia do BB resume-se a cerca de 20%.

RESISTÊNCIA

Miranda admite também que algumas instituições bancárias estrangeiras estejam atemorizadas e, por isso mesmo, tendam a colocar resistência à prorrogação das linhas de curto prazo até que estejam definidas as condições que envolvem o acordo externo. A extensão do prazo é, contudo, considerada por ele como inevitável e, no processo de adesão, acredita que dois pontos serão avaliados: "Não só nós temos a perder com os saques nas linhas de curto prazo, já que aos bancos estrangeiros não convém provocar uma comoção no sistema financeiro internacional".

Os próprios bancos credores do Brasil já estão trabalhando com a hipótese da renovação das linhas de curto prazo: "Ninguém tem dúvida de que se possa chegar a um acordo provisório", atestou ontem o vice-presidente executivo do Union Bank or Switzerland (UBS), Guido Hanselmann, que veio a Brasília para participar hoje da reunião de diretoria do Eurobraz — European Brazilian Bank Limited — no qual detém 13,68% do capital social reavaliado em 25 milhões de libras esterlinas.

Ele atribuiu expressiva importância à viagem de Lemgruber à Espanha, mesmo considerando a posição refratária dos bancos espanhóis como minoritária, "para que não haja incertezas quanto à possibilidade de se chegar a um entendimento".

PRORROGAÇÃO

Do mesmo modo, os representantes do Bank of America raciocinam com a hipótese da extensão do prazo de vigência dos projetos 3 e 4: "Estamos confiantes de que a ameaça de saques nestas linhas seja contida", indicou ontem Joel Korn, gerente geral daquela instituição no Brasil, garantindo que o seu banco — o segundo mais ativo nas linhas de comércio exterior no País — está operando com prazos de 180 dias.

Ele se encontra em Brasília, acompanhando o vice-presidente executivo do Bank of America, William Young, que também participa da reunião do Eurobraz na condição de segundo maior acionista (com 26,22% do capital). O encontro será presidido por Camillo Calazans, presidente do Banco do Brasil, a quem cabe a fatia de 31,89% do capital do Eurobraz.